



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

11 DE JULHO DE 1959
ANO XVI—N.º 400—Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

MAIS uma doente que chegou. É portadora de doença incurável pelas forças do homem. Há 2 meses que se não levantava. Há 2 meses que desconhecia o carinho e amparo de que tanto precisava. Por morada vivia numa pensão que os dois filhos, ainda pequenos, iam pagando com o seu magro ordenado.

Fui encontrá-la, dois dias após a chegada, numa cama limpa e quarto bem arejado da nossa Casa Mãe do Calvário. Agora estou no Céu. Há tanto tempo que não tinha ninguém que olhasse por mim!

Já se levanta. Vai para junto das companheiras e diz da sua alegria por ter encontrado repouso e lenitivo para a sua dor.

Ontem fui encontrá-la a chorar.

Ai, Snr. Padre que estas dores quando dão, custam tanto a suportar! Não peço a Deus a cura, pois Ele bem sabe o que é melhor para mim. O que peço é que me dê força para poder aguentar. Como somos pequeninos diante destas grandezas. Quem nos dera, à hora da nossa morte, ou quando a doença nos bater à porta, poder dizer também não peço a cura pois Ele bem sabe o que é melhor para mim.

Pois, se no meio do sofrimento, a senhora Helena diz que está no Céu, que felicidade não lhe estará reservada na outra Vida!

★

DITADO

Há um ditado que nem sempre corresponde à verdade: «quem cala consente».

Pode parecer verdadeiro, mas nem sempre o é.

O «Gaiato» tem sido portador duma inquietação. Tem tomado a defesa dos fracos. Tem clamado por justiça, por caridade desde a hora primeira. Ninguém o pode contestar. A conflagradora situação dos mais pequenos dos filhos, escoraçados como cães vadios, por vielas e becos das urbes e serranias, foi sempre um brado altaneiro a soar nestas colunas.

A inquietação das classes mais diminuídas, com toda a série de amarguras e anseios legítimos, aflorou em cada página deste

CALVÁRIO

O grito daquele doente de Monsanto que espera a hora de vir para cá, quando saldar as suas dívidas, encontrou eco em muitos corações.

O pequenino José Júlio, do Porto, estende-lhe a mão inocente e dá 20\$. De Penamacor, uma carta cheia de admiração para com este homem, é um hino de louvor aos sentimentos de honra e de nobreza. Vem acompanhada de uma nota de 500\$ «para pagar as suas dívidas, sossegar a sua consciência e poder entrar no Calvário a gozar um pouco de carinho antes de partir para a eternidade».

No Espelho da Moda outra nota igual e com o mesmo fim. Évora, Lisboa, Porto não se calam e respondem com três de cem. Também chegou a Portimão. «Ainda há Homens no mundo. Esse doente de Monsanto é um deles». Manda 20\$ porque não pôde mandar mais. A Mãe de «uma lisboeta qualquer» mais «uma pecadora» seguem o mesmo caminho, tocadas pela mesma mão.

quinzenário desde o número primeiro.

A resposta foi dada em páginas imortais e consoladoras, como seja cada moradia que o Património levanta. Porém, pelo facto de nem sempre os leitores encontrarem aqui brado correspondente às aflições que depaeram, não é porque «quem cala consente» e se conforme com o mal alheio, mas porque (e com que mágoa!) nem sempre nos é dado apregoar aquilo que sofremos. É certo que há males e misérias, que colocam menos bem instituições e famílias. Convém, pois, omiti-los. Mas nem por isso o silêncio exterior é complacência e alheamento.

PADRE BAPTISTA

«Meus amigos doentinhos: vão para vós os 20\$ do costume referentes a Junho. Deus me ampare e me dê vida por muito tempo para não vos faltar com esta migalha. De «uma doente para doentes». Roupas usadas e 100\$ de M. S. A mesma quantia de «uma portuense qualquer». Duas vezes 20 e duas vezes 50 do Porto e Ovar.

Para o Calvário, «paraíso dos que sofrem» 500 no Lar. Em acção de graças, 50. Outros 500 no Lar e uma caixa com maços de cigarros para os nossos doentes. Um anónimo deixa o dobro no Espelho da Moda. De Lisboa, 100 dos meses de Fevereiro a Junho. «Envio 500\$ relativos a 5 meses do meu ordenado. É uma parte do

que ganho. E sempre que leio o Gaiato queria dar sempre mais mas não posso». De Moçâmedes, Angola, perguntam se temos recebido o que nos mandam. Temos sim, e ainda agora recebemos os cento e cinquenta escudos que mandou para o Calvário. «Ninguém» de Peso da Régua presta homenagem na página três

16 DE JULHO

Avulgaridade repetirá os mesmos adjectivos: o trágico acidente; o malgrado Padre Américo...

A Fé ensina-nos que a morte é «a passagem para a Vida»; que o Justo («o que viveu da Fé») nasce naquele mesmo instante em que Deus recolhe seu último suspiro — resposta de uma alma, derradeira no Tempo, àquele Sopro divino que a criou.

Outra vez a Fé e a experiência dão-nos o sabor da presença para além da presença física, quando cremos nas mãos de Deus, aquele que partiu de sob os nossos olhos.

É assim com Pai Américo. Nunca nos atrevemos nem atreveremos a chamar-lhe malgrado, a ele que mantém tão viva no coração dos homens a sua memória, por causa do amor que, em Deus, aos homens dedicou. Jamais chamaremos trágico ao acidente que apressou a sua morte. Ela foi digna de si. Proporcionou-lhe a apoteose que a história regista. Mas, sobretudo, foi como e quando Deus quis.

Tragédia é só a oposição ao querer de Deus, que motiva a Sua ausência de entre os homens; Esses, sim, fizeram-se um destino trágico.

Passaram três anos. Rápido correr do tempo, prenhe de acontecimentos que fazem estremecer de dor e de alegria. Ele continua entre nós. Eu estou escrevendo no seu escritório, sentado na sua cadeira. À minha frente o seu retrato, o que nunca consegui conservar em sua vida, que todos me tirou.

É como se tivesse ido de viagem — como tantas vezes — e estivesse prestes a voltar.

É assim Pai Américo entre nós.

Por isso, a Festa de Nossa Senhora do Carmo, distinguida só em torno do Altar, é uma oportunidade de agradecermos a Deus o seu constante chegar, que a Fé nos dá em experiência desde a sua partida sem regresso.



BELÉM

«Uma casa de família para as sem família»

Isto aconteceu no tempo das quatro primeiras «belenitas».

Eu estava a lavar a loiça do almoço, ajudada pela nossa Deolinda, de 7 anos, quando bateiram à porta da cozinha. Era uma mulher ainda nova, acompanhada por uma filha dos seus nove anos.

— Que deseja? — perguntei.

Ela mirou primeiro a minha bata já um pouco velha, as mãos ainda fumegantes da água quente e por fim, em ar de quem não está muito seguro do que deva dizer:

— A Senhora é que é a criada cá da casa!

— Não, que esta casa é de gente pobre e os pobres não podem ter criadas.

— Então virei enganada. É que me disseram haver para estes lados uma casa onde recebiam meninas.

Nesta altura apareceu a Deolinda entre a porta, com uma tigela na mão, as mangas do bibe arregaçadas, um aventalito negro pela frente e umas repas de cabelo espetadas entre os olhitos vivos e curiosos.

— Não vem enganada, não! — disse eu — É esta mesina. Pois se é casa para receber meninas pobres, não é casa de pobres? Que deseja?

— Eu desejava falar com a Senhora Directora.

— Então fale!

A mulher estava a ficar cada vez mais desorientada, mas depois duns momentos de indecisão lá se resolveu.

Casada, vivia com os filhos e marido numa aldeia próxima de Viseu. Mas o marido sofre de doença mental e eram tais os maus tratos que lhe dava que ela viu-se obrigada a fugir de casa, com os filhos. Se não tivesse procedido assim — disse — a esta hora os filhos, que não podem contar com o pai, também já não teriam mãe. Veio refugiar-se no Albergue Distrital, com a filha mais velha. Mas que não lhe foi permitido ter lá com ela os dois mais pequeninos. Por isso entregara um a uma irmã muito pobre, que vivia na aldeia e constantemente lhe mandava recados para ir buscar o filho. O mais novinho, que adoeceu, dera entrada no Hospital de Viseu, mas já lhe tinham dado várias ordens para o ir buscar e, à data em que veio falar comigo, fora intimada pela Superiora do mesmo Hospital a apresentar-se para se entregar do filho, sob ameaça de a mandarem buscar pela polícia.

to Silva Teixeira e 10+40 dos do 1.º ano da Escola Técnica de Gaia.

Seis despertadores «capazes de acordarem toda a aldeia», de uma Fábrica de Famacão que muitas vezes tem ocorrido ao apelo dos nossos dorminhocos.

E esta legenda que acompanhava 50\$ e resume tudo quanto se disse ou se possa dizer: «Dinheiro ao serviço de Deus para os seus Pobres».

Ora, se lhe foi concedido pela polícia um lugar no Albergue, é de crer que a esta mulher fosse humanamente impossível viver com o marido. Mesmo este já estivera uma vez internado, para tratamento, tendo então melhorado, mas voltando mais tarde ao seu primeiro estado.

Disse mais a mulher que me vinha pedir para receber a filha mais velha, pois não queria continuar no Albergue, já que não lhe permitiam ter junto de si os três filhos. Eu então perguntei-lhe o que tencionava fazer, se eu lhe ficasse com a filha. Ela não esperava pela pergunta, desviou de mim o olhar e lançou-o vagamente para longe. Eu compreendi! Queria fugir da terra, fugir ao dever, já que não tinha condições de vida para o poder cumprir.

Eu fiz-lhe ver que separar-se da mais velha era ir para uma situação pior do que aquela em que estava. Que a única solução boa para ela, para o marido e para os filhos era conseguir que o marido fosse de novo internado e tratado. Além de ser seu dever socorrê-lo na doença, assim ela poderia regressar à sua terra e ao seu lar e voltar a ter junto de si os filhos, para os alimentar e educar. Falei-lhe no Instituto de Defeza da Família, para conseguir por ele o internamento do marido e o apoio moral e material a que tem direito para educar e sustentar os filhos, visto a pobreza e incapacidade do Chefe de família. Mas ela respondeu-me que conhecia muito bem o Instituto, disse-me até o nome das pessoas que lá trabalhavam e que já lá tinha ido muitas vezes, expôr a sua situação, mas não lhe resolviam nada.

Claro que a pequena, apesar da muita insistência da mãe, não ficou, e eu aconselhei-a a que não deixasse o Albergue enquanto não encontrasse solução que lhe permitisse juntar os filhos à sua roda. A mulher, um tanto desiludida, ainda arriscou:

— Mas não há na casa outra senhora com quem eu possa falar?

— Não há, não! E olhe que a pessoa que lhe dê conselho diferente do meu, ou não é sensata ou não é sua amiga!

Já são passados meses sobre a data em que esta mulher veio bater à porta de Belém, mas ontem lobriguei-a ao longe, numa das ruas da cidade, e percebi que continua à deriva, sem rumo. Possam estas linhas ajudar à solução do seu problema, lembrando-o ou dando-o a conhecer a pessoas em condições de lhe prestar socorro.

Com isso não só lucraria o pobre demente, a mãe e os filhos, mas todos nós, pois que constituímos uma grande família onde cada membro deverá ocupar o seu lugar para que possa haver paz, harmonia, segurança e prosperidade.

Inês — Belém — Viseu

dIA de S. João. A quarta vez elas aí apareceram, as três velhotas do costume. Quando no Porto a fogueira da noitada atinge o rubro, elas metem pés ao caminho e é a noite toda. De manhã ajoelharam junto da campa de Pai Américo. Depois sobem até cá cima a descansar um pouco. Trazem das suas migalhas. E, por sacrifício e devoção, trazem lembranças que sugerem a alguns vizinhos tão pobres como elas. Ao todo 565\$00.

Quem conhece o valor dos tostões na economia dos que vivem o dia a dia do seu braço, aprecia o sabor destas quase seis centenas.

As vezes aparecem aí senhoras e senhoras muito bem trajadas, aneis nos dedos, «espadas» estacionados frente à nossa capela, que, após a visita tecem elogios de adjectivos

Do que nós necessitamos

banais, e estendem, muito aberta nas pontas dos dedos, uma notita. A gente diz obrigado e (só para nós!) que Deus lhes dê vistas.

As minhas três visitantes amachucaram na mão o que traziam e, apertando a minha, fizeram em delicadeza o seu depósito.

Pois hoje almoçaram. Ofereci-lhes o caldito. «Ai que bom um caldito quente!», disseram. Pois não sei porque bulas, «Russo» mandou-nos sopa e conduto da comunidade e mais dele dos doentes e pêssegos da nossa lavra — de sorte que, sem premeditar, tivemos um banquete, digno da grandeza

autêntica das minhas visitantes.

Mais um rôr de grupos excursionistas e recreativos que por aí vêm aos domingos e feriados; e excursões escolares e de catequeses; e até de uma igreja protestante — que não partem sem repartir do seu pão.

Mais 100 de um amigo do Porto, pela mão de grande amiga de Lisboa. Parece complicação este itinerário mas não, ele mesmo é expressão de caridade.

150\$ através do «Comércio do Porto» E. D. M. com 20. O mesmo de uma Maria da Conceição «implorando a N. Senhora por intercessão de Pai Américo». E muitas acções de graças por delas atribuídas à prece de Pai Américo.

Crianças de uma escola das cercanias de Amarante juntaram 40\$.

As esmolas dos habituais para «a viúva da Nota da Quinzena» e «a que só dá pão ao filho quando barrega».

Muitos habituais e outros avulsos, com lembranças pró Barredo e outros barredos que mancham de ausências de fraternidade a face deste pobre mundo.

Roupas e pacotes vários, pelo correio, no Lar, e no Espelho da Moda.

E a Avó de Moseavide com os 20 de todos os meses. Mais migalhas «tiradas no meu ordenado». São de Santarém.

Mais um assinante de Almada que é baírrista e pede que metade seja prá nossa Casa de Setúbal.

«Sempre que me tem sido beneficiado o vencimento, tenho dedicado o 1.º aumento a essa bela Obra... Uma Avé-Maria será a recompensa que desejo».

Em promessas: Ancião e Pedras Salgadas e Porto e um «pai agradecido» e Coimbrões e Marrazes.

Uma deputada da Nação, agradece o envio do Relatório de 1958 e, «em sinal de aprovação» envia 50.

Documentos de piedade: «pelo nascimento de uma nê-tinha», «em sufrágio da Alma do meu querido filho José Fernando»; «Envio a V. pequenino óbulo de 20\$ em lembrança de quem em vida o queria fazer e não pode».

Documentos de heroísmo: Já não sou nada nova mas precisei de trabalhar e o primeiro dinheiro que ganhei aí vos envio metade, 20\$»; 1600\$ para o que for mais necessário de uma telefonista do Porto».

Documentos de perseverança: Pessoal de Mobil Oil, a Alda de Vale de Figueira, a «Amiguinha do Gerês», A. J. F.

África: É Sá da Bandeira e Socone. Para a mulher sobre-carregada pelas licenças camarárias, da última Nota da Quinzena, 100. Vinte da Tapa-da da Ajuda, em carta sem mais nada.

220 dos alunos do Externa-

FACETAS DE UMA VIDA

Padre Luciano continua a recordar...

4.º — VIDA INTERIOR

O Américo era homem que meditava. Teve sempre aquele jeito mesmo antes de abandonar o mundo. Estão-me a lembrar cabazes de violetas que ofereceu às freiras, à passagem pela Madeira. Fazia-lhe «espécie» aquela alegria das raparigas que viviam tão afastadas dos divertimentos ruidosos da nave e riam como crianças.

Gostava também de contar, porque muito o impressionara, o encontro com um sacerdote a quem se dirigiu e por acaso se espraçou em comentários às comodidades e belezas materiais de certa estância de águas... E perguntava a si mesmo: «porque é que, sendo ele padre, não fala só de Deus, das almas?... Leu?» E ficava triste pois se convencia de que o homem não vivia o seu Sacerdócio.

Vi-o em 1928, após a Conferência do Padre Matéo sobre o Inferno, no Salão de S. Tomaz, ajoelhado diante do Santíssimo, com as mãos a cobrir a cara e a chorar convulsivamente. Acompanhei-o imensas vezes na Via Sacra. Observei-o a meditar com certo padre, já velhinho, que estava em concerto... Não se pense que só sabia as obras de Misericórdia Corporais ou que a sua Caridade acabava no pobre; não. Subia mais alto... Aquele que disse: «A mim o fizestes!»

Parece que ainda ninguém se referiu à bofetada que lhe deu certa mulher numa vila (Soure), aonde fôra prègar no dia do Corpo de Deus. A tarde, dizia-me: «Ó Luciano, custa tanto ser de Cristo!» (1).

5.º — O MESTRE

Os discursos do Américo nunca os achávamos longos. Havia tal silêncio, embevecimento, quando ele falava ou escrevia, que não se podia fazer festa em que o Américo não botasse fala.

Não me esquece o Carnaval em que fiquei com outro condiscípulo guardando o malogrado P. Costa Borges. O que me custou mais, foi privar-me de ouvir o discurso do Américo.

Ficaram-me gravadas algumas frases dele, como: «O galopar tempestuoso das enormes locomotivas ao chegar ao Cabo», «glorious morning» (gloriosa, esplêndida manhã)..., «momento de eternidade...»

Lembra-me também com frequência a descrição que nos fazia do trágico afundamento do Titanic e, principalmente, das circunstâncias em que teve conhecimento dessa tragédia. Viajava de barco no Mediterrâneo, quando receberam o S. O. S. do Titanic. Após a perda do transatlântico, a orquestra do bordo tocou o «Mais perto de vós, meu Deus, mais perto de vós!» que todos ouviram de joelhos e olhos cheios de lágrimas. Só ele o sabia contar de modo a fazer-nos chorar.

(1) Já referido em artigo anterior do Pároco de Soure.

30.000 X 20\$00 = 50 Casas

A campanha continua. Nada mudou. Eu não sei que outros requintes da Caridade nos podem ainda trazer surpresas. Uma assinante mandou os seus 20\$ e diz o pensamento e o sentimento de quantos passam nesta coluna:

Devoção—Obrigação moral! Que legenda simples! Que legenda total!

Na verdade toda a Obra da Rua é o objecto de uma devoção tão profunda, tão raciocinada, tão vivida, que acaba por imperar à vontade, a qual a toma por acto de justiça — «obrigação moral».

Só assim se compreendem razões como estas:

«Consegui ainda, já no fim da vida, ver concluída uma casa para habitação a que dei princípio com a construção de blocos há uns treze anos; porque sei o que isso custa e mais há-de vir a custar, visto que para tal empreendimento tive de que recorrer a dinheiro emprestado, junto envio a V. Rev.^a duas notas de 20\$00 do Banco de Portugal, que são a contribuição (minha e de minha mulher) para a campanha dos 30.000x20 lançada pelo grande jornal que é o Gaiato».

Vem de Lourenço Marques.

Outra: «Pai+Mãe+9 filhos = 11x20\$».

E outra:

«Sou um estudante do 1.º ano de medicina, aflito com os exames. Tenho pena de só poder colocar um tejo, mas Deus compreende a bolsa dos estudantes».

E esta:

Sou pároco e tenho necessidade urgente de uma casa para uma família miserável sobre todos os aspectos.

Para o conseguir (pois o Senhor paga cem por um) ofereço no dia do meu aniversário 510\$ para a campanha dos 30.000x20\$.

Um Pároco».

E até um Grémio do Comércio. E um Pai, embora pobre e com bastante família, «pois tenho seis filhos e ainda nenhum ganha, não posso deixar em branco o meu nome».

E uma «Mãe atribulada» que partilha connosco a sua esmola e as suas tribulações:

«Bem desejaria ser mais generosa, mas sou aposentada, sem direito a aumento nem ao abono que recebia por um filho de 31 anos, permanente e absolutamente inabilitado e que não provê à mais rudimentar das suas necessidades. Quantas vezes penso no Calvário, por amor dele! Como são felizes os que lá entram, com a certeza de assistência física e moral até ao fim da vida!»...

E este soldado, mestre de cavalaria à moda antiga, que eu bem gostava que o lêssem todos os meus magalas e aprendessem com ele a rasgar o coração:

«Enviei no mês de Abril os meus primeiros vinte escudos para a campanha das 50 casas, 30.000x20\$».

Mas não estou satisfeito. Vinte escudos é muito para quem não tem, mas é muito pouco para quem tem vontade de dar muito.

Por este motivo aqui estou novamente a saldar a minha dívida deste mês. Se Deus quiser continuarei a enviar todos os meses os meus vinte escudos, fruto do meu ordenado militar, ou seja, do meu pré. Quero tomar isto por um hábito, já que as minhas possibili-

dades não me permitem dar muito de uma só vez.

Deus permita que estas insignificâncias sejam úteis a alguém.

Que o Sagrado Coração de Jesus protector da Obra continui a dispensar as mais graças o pode explicar.

Mistério! Mistério de fundação divina das inteligências e dos corações dos homens. Só uma devoção entendida e vivida como obrigação os podem explicar.

x x x

Caracol, ao meu lado, toma conta das parcelas e soma.

Desde as últimas notícias, mais 2.460\$.

Aqui, LISBOA

NÃO sei que pena sinto, quando olho para alguns dos meus Rapazes. Que vida e caminhos por onde vieram! Que pais e mães os criaram, sem formação bastante para serem pais, nem amor suficiente para terem filhos! Que pobreza de tudo, onde nem o que é humano é capaz. Tenho dois que muito me têm dado que pensar. Pensar não é bem o termo, porque não há tempo para pensar. Viver sim. Eu vivo amargurado com os casos que nos vêm bater à porta.

O Pintassilgo nasceu em Palma, foi baptizado em Setúbal e criado em Almada. Pela distância dos lugares até parece filho de gente rica. Pai e mãe são incógnitos na cédula. Não no Livro da Vida! Incógnitas amargurantes quando este rapaz sentir o que é não ter pai nem mãe, porque tendo-o dado à luz o renegaram. Quem não sente abrir-se o coração perante esta sorte?

Quem não se compadece? Pois se até os animais lambem os filhos quando nascem! Que nome terão estes pais? Que consciência a do Homem do Registo Civil que passou a um cidadão português uma tal ficha de identidade? Isto no tempo em que até os cavalos, cães e gatos se apresentam à sociedade civilizada com a sua cédula de nascimento completa! Quem não ouviu falar na Exposição Internacional de cães e na feira do Ribatejo onde tudo apareceu e foi apreciado? E os abandonados pintassilgos que a Casa do Gaiato tanto ama, por amor à verdade e à justiça nem consegue saber da mãe que os gerou!

Não é este um caso banal do «exposto». Ele nasceu em Palma de Alcácer, aos nove de Maio de 1954. Palma é um monte alentejano. Com certeza um daqueles armazens de gente nos meses mais intensos de trabalho. E daí, foi mais um que saiu do armazém com a etiqueta de filho de pai e mãe sem nome. Ninguém interpôs fiscalização. A lei que pune o desleixo no registo é cega para quem vai contra a própria natureza.

E quando se chega a este extremo está tudo perdido? Não. Começamos nós a ganhar. Quem abrigou este inocente até aos cinco anos e hoje se desliga dele a sangrar porque a doença já não permite mais, há-de ter recompensa de Pai. E aquela Obra que ora o agasalha com desvelo, a recompensa de Mãe. E aqueles e

aquelas que batem no peito por semelhantes culpas, o olhar misericordioso de Deus. Quem mais fizer mais terá. E quem o odiou? O quê meu Deus! Em que trevas de desespero não estaria aquela mãe que não quis o seu filho. Senhor, nós que o conservamos em Teu Nome, saboreamos bem

CHALES DE ORDINS

A correspondência recebida nesta quinzena não foi muita, mas dizia muito. Se é verdade que a «alma se retrata com a pena», tenho diante de mim almas sempre ansiosas por mais e melhor. Dão gostosamente. Estranham como tantos podiam ajudar e preferem continuar a dormir. Sobem ao trono do Altíssimo com o incenso das suas orações, intercedendo por Ordins. Há votos que manifestam o pulsar de corações enamorados da Beleza que já-mais fenece. Perpassam almas que não me querem ver em aflição e repartem. Deixaram-se ferir pelas últimas «Férias forçadas em Ordins». Assim Lisboa: «Tenho seguido com o maior interesse a obra dos chales de Ordins». E «para começo» 20\$. De algures, outro tanto, «uma pequena migalha que felizmente não me faz falta, para as muitas necessidades desta terra». Um Besteirense não esteve com meias medidas e mandou 400. De M. E. A., em Lisboa, vieram 110\$, que suponho serem para a Casa de Jesus Misericordioso. Paço de Sousa aqui vai com 20. Pedi uma máquina de costura. Lisboa levanta-a nos braços e diz: cá está uma «robusta máquina Singer» ao dispor. Que bom!

Em 1958, vieram 12.000\$, conforme, então, se comunicou. Do mesmo anónimo outro tanto, posto no Espelho da Moda. Não me quero ver em aflição. «Esta lembrança ser-lhe-á chegada no momento oportuno e saber-lhe-á muito bem». Oh se soube! Bendito seja Jesus Misericordioso! «Cheio de sortes!» comenta Sr. Padre Carlos.

a alegria que nos dais ao nascer nesta Casa mais um Filho! Obrigado.

PADRE JOSÉ MARIA



Uma Carta

Não é muito, é mesmo nada em face das necessidades, aquilo que envio; mas é que também já enviei para as outras casas do gaiato e para Inês e Padres Fonseca e Aires. Conforme eu tinha feito promessa, tenho enviado ora para uns, ora para outros, (e desta vez para todos) o total das lições que dou a um aluno cábnla, mas um óptimo rapaz, para que Deus lhe dê um pouco mais de noção das suas responsabilidades. Do que os Pais me pagam prometi não tocar em nada para mim, pois Nosso Senhor tem-me ajudado por outros lados. Tudo seria para ser aplicado por aquela intenção e dado aos pobrezinhos. Deus tem-me ouvido e os meus esforços junto do rapaz não têm sido perdidos!

Mais uma vez a experiência me ensinou que este é o melhor Banco para rendimento dos capitais...

Quanto à importância para a Casa dos Licenciados, essa é tirada do meu rendimento, nada tem que ver com o «dinheiro do Luiz» (como eu já lhe chamo e ponho no envelope, para não misturar com os outros dinheiros).

Para o mês que vem, se for viva, lá mandarei mais. Talvez seja o último do Luiz, pois fará o exame de 7.º ano em Julho.

Conto que, por este processo, e com os meus e os dele (estes muito poucos...) esforços, passará... Os pobres a quem ele ajuda, sem saber, pedirão por ele.

* * *

Ó carta! Ai que se todos os Professores fossem, assim, Mestres!...

De Carviçais, um ror de roupas para as Tecedeiras e 20\$ de novels. «É tudo muito pouco, mas é com muita unção que o dou, só com muita pena não ser mais». Isto é dar com humildade. Carviçais, que noutros anos também apareceu com roupas termina «fazendo votos para que os Padres da Rua se multipliquem por esse Portugal fora, até que todos o sejam». Que programa magnífico de vida sacerdotal!

Do Porto dois novels, acompanhados de muita confusão, por só agora quebrar a negligência em que tem vivido. «Espero que muitos «novels» chegarão de toda a parte e com eles a possibilidade de interessar cada vez mais as mulheres de Ordins a dignificarem-se pelo trabalho». Dos lados de Lamego, alguém sofrendo: «Fiquei pasmada com a pouca correspondência ao angustioso apelo de V.. Em face disso aí vão já mais 5 novels para reparar a falta dos atrasados ou dos indiferentes...» Temos almas reparadoras nesta procissão. Bendito seja Deus!

Das terras de Lafões, «o meu novelo de Junho — 20\$». Há, pelo visto, «novels» a 10 e outros a 20\$. É consoante a «lã»... Esta carta denuncia uma luta de alma: «às vezes, no decorrer dos dias, parecia querer convenirme de ter razões para não mandar esta migalhinha de dinheiro... Não tenho eu despesas a fazer com os meus filhos? Não me falta tanta coisa para a casa? Mas a voz de Deus que fala pela consciência, é mais forte que tudo... e depois de passar, sempre que passava a hora do correio, envergonhava-me das minhas razões, miudinhas, egoístas...». A luta terminou pela vitória: um «novelo de boa lã»!

Tornou aos chales Ovar. Há que tempos não via por cá as Religiosas do Hospital de Nazaré! Bem sei que não é esquecimento. A do chale mensal, ausente em Luanda, continua fiel. A R. de S. Francisco de Borja, em Lisboa, tantas vezes por cá, veio por dois. O Porto «não gosta de ver ninguém à boa vida» e pretende outros tantos. E mais não trouxe o correio. Ficamos à espera de que tantos que podem ajudem a multidão dos que nada têm.

PADRE AIRES

VEM DA PÁGINA UM menagem à honradez daquele Homem (com letra maiúscula) de Monsanto e ajuda a pagar as dívidas com 100\$. É impossível falar das muitas migalhinhas de 20\$ que nos vão chegando a todos os momentos e de todas as partes. M. V. chorou por não poder contribuir na ocasião, mas agora que recebeu 200\$ separou 100 e mandou-os. A mesma quantia da R. da Constituição, do Porto. As camas dos doentes nada falta do que é necessário. Mas se as quiserdes ver mais airosas e os doentes mais felizes mandai o pano para as cobertas.

PADRE MANUEL ANTÓNIO

LAR DE LISBOA

Amáveis leitores: Cá estamos mais uma vez para falarmos de dois assuntos um pouco importantes.

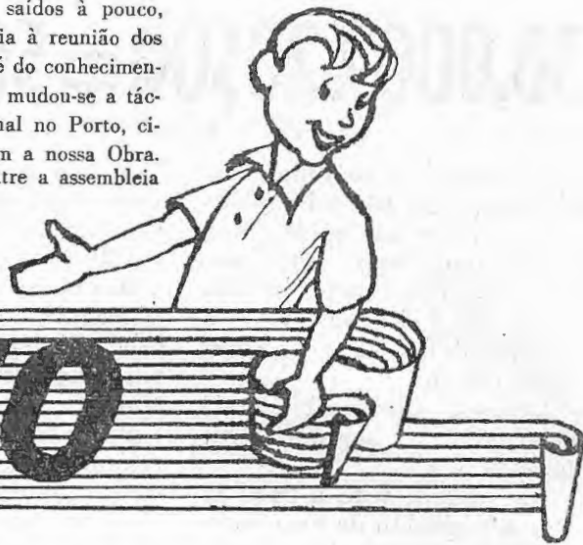
O primeiro pode muito bem ser sobre o que nos têm dado para o nosso clube, que neste momento é o caso

vindo várias ajudas: roupas, calçado, dinheiro, géneros alimentícios, etc. Agora dizem os leitores... É pá... Tanta coisa... Mas também lhes vou dizendo, que tudo isto para as coisas que temos a auxiliar, não é nada. É o Lar do Gaiato, é o Património dos Pobres, a Conferência, várias casas de

Depois veio para casa, mas a doença não quis que cá estivesse por muito tempo e para lá voltou outra vez. Agora encontra-se praticamente quase bom e já cá está.

— Veio há tempos para o meio de nós. Vivía no Cartaxo, tinha pai e tinha

Num dos números saídos à pouco, alguém fazia referência à reunião dos vendedores. Como já é do conhecimento dos nossos leitores, mudou-se a tática de venda do jornal no Porto, cidade que conhece bem a nossa Obra. Foi um entusiasmo entre a assembleia



PELAS CASAS DO GAIATO

mais falado em todos os gaiatos.

Venho agradecer aos leitores que tiveram a amabilidade de nos mandar algo daquilo que eu pedi há duas quinzenas para o nosso time de futebol, que está dia a dia a ser mais falado e até ajudado por muitos dos nossos leitores e, nós também fazemos os maiores sacrifícios, para que o seu fruto seja bem aproveitado.

Estão todos os rapazes a pagar uma cota mensal de 2\$50 cada e, alguns ou quase todos estão a dar o dinheiro que o nosso Lar dá aos seus rapazes nos fins de cada mês. Mas ainda não fica por aqui: Temos um companheiro do nosso Lar, esse é o que mais consideração merece de todos nós, visto que foi o que deu mais, porque tem dado o fruto dos seus serões, feitos esses, com muito sacrifício.

Mais notícias: Mandaram-nos dentro de um envelope duzentos escudos, sendo cento e cinquenta para a casa e cinquenta para o nosso clube. Tenho imensa pena de não saber o nome dessa pessoa para ser anunciado aos leitores.

Estimados, cá esperamos como sempre com muita Fé, as vossas digníssimas ajudas que são para nós, quase como a água que rega as árvores para dar o seu devido fruto.

Tudo isto vai como os leitores vêm, mas, quem não vai muito bem, são os pobres, que são filhos do mesmo PAI.

Nós pedimos muito... mas nunca pedimos o suficiente... Não queremos tudo só para nós, mas sim também para os nossos pobres, que são filhos do mesmo Pai.

Tenho sido muito atrasado a dar estas notícias; até por sinal, é a primeira vez que falo aos leitores da nossa Conferência, mas tarde que vá, vai sempre melhor do que nunca.

Um dos muitos amigos dos nossos pobres, mandou-nos pela altura do Natal cinquenta escudos e finalmente mais cinquenta dum Senhor chamado Carlos Vilar.

Dentro deste grande espaço, têm

caridade e ainda dezenas de Pobres que constantemente nos batem à porta diariamente.

No fim de tudo isto, espero que dessas muitas coisas que nos têm mandado, espero que continuem a mandar para o time de futebol do Lar do Gaiato, Rua dos Navegantes 34 r/c Lisboa 2.

Agostinho Coelho (Lampreia)

SETÚBAL

— Em nossa Casa anda agora a ideia dos concursos. Mas não julguem que são concursos como o «Sim ou Não» ou como o «Quem Sabe Sabe». Não. Isto aqui trata-se de um concurso escolar; prémios à primeira equipa.

Dez perguntas de História, outras tantas de Geografia, Gramática, Aritmética e Geometria.

Os capitães das equipas são: Perninhas, Lisboa, Lampreia e eu. Quem ganhou o cobicho troféu foi a equipa do Perninhas, que conquistou o primeiro lugar. O segundo prémio foi atribuído ao Lisboa, que teve excelente comportamento.

— Não tenho a data bem fixada, mas lembro-me tão bem como se fosse hoje.

Um certo dia andávamos a jogar futebol e de repente ouvi o Tatunda a queixar-se da perna. Passado algum tempo começou a queixar-se novamente da perna e foi para a cama. As dores eram tantas que ele já nem podia andar. Foi ao médico e este mandou-o para o Hospital. Mas permaneceu na nossa enfermaria, quatro ou cinco dias. Lá estive eu junto dele. De noite chorava e gemia:

Eu perguntava-lhe se queria alguma coisa, e ele respondia:

— Não, é a minha perna que me dói muito.

Foi para o Hospital, como eu disse antes, e lá ficou por algum tempo.

mãe e muitos irmãos ambulantes. A mãe, essa que mais o amava foi atropelada por um automóvel. Ficou ele o pai e os irmãos. O pai, esse que o devia de amar, andava de taberna em taberna com o nosso pequerrucho atrelado a si. Mas houve alguém que se interessou pelo menino e trouxe-o para nossa Casa. Agora está tão engraçado! Sabem como se chama o nosso pequenino?

Vaquinha

BEIRE

Caros Leitores. Escrevo mais uma vez para vos dar algumas notícias desta grande quinta onde estão a habitar 50 Gaiatos.

Da outra vez disse que o campo de futebol estava atrasado mas agora, já está bastante adiantado e os nossos rapazes já têm jogado grandes desafios com os rapazes de Beire e de Bitarães. Mas o pior é agora que me pediram para eu escrever para o nosso jornal a pedir aos nossos leitores, principalmente aos grupos de futebol, a ver se podiam mandar algumas equipas e mandando eles jogam com maior entusiasmo e podem ser jogadores do Porto.

— Vou-vos dar uma mais triste novidade. Tivemos muito azar este ano na batata pois deu um grande arejo e está grande parte estragada.

O ano passado tivemos mais sorte pois deu para Paço de Sousa e ainda o Sr. Padre Baptista ofereceu algumas às Criaditas dos Pobres, para o Colégio de Bairros e muita foi distribuída para os pobres desta freguesia.

Mas este ano não iremos ter tanta sorte porque o ano assim o promete. Estais a ver caros leitores, que o pobre repartiu pelos pobres isto é que é a obra de Deus. Portanto nunca se arrendam de repartir pelo nosso semelhante. Lembrai-vos que o pouco nas mãos de Deus é muito, portanto reparti com os pobres.

O nosso Querido Pai Américo antes de ser Padre tinha algumas coisas de seus Pais e do pouco que tinha repartiu pelos pobres, e estais a ver a grande Obra que ele deixou para nós rapazes da rua.

— O Valadares pede ferramenta para os sapateiros. Formas com os números 25, 29, 30, 32, 35, 38 e 40. E, é preciso fazer muito calçado por que não temos que chegue para todos. Se, por acaso, tiverdes algum calçado velho a estorvar em vossa casa mandai para Beire.

António Henriques (Sediolos)

A Venda do Jornal NO PORTO

Leitores, começo por vos saudar para que o conteúdo deste artigo seja lido com mais vontade.

que estava reunida, e nós julgando que as coisas e as contas do jornal iam mudar.

Os números da venda, antes da mudança, eram de 4.300, e logo no número seguinte à modificação passou a 4.600, o que nos deixou satisfeitos, porque os números subiram e não foi pouco.

Tornamos a reunir, e entre os problemas tratados, veio ao de cima o de algumas «gratificações», pedido feito por alguns dos nossos rapazes. Também nesta foi lida uma carta escrita por uma pessoa amiga, que rebaixa os vendedores do presente.

De novo saíram os nossos rapazes para as ruas do Porto. Se ainda dizem que os números não mostram nada, eis o produto da venda: 4.400. Não foi nada, não foi nada, mas foi só 200 a menos de que da primeira após a mudança. Oh desengano!

Também eu desta vez em Aveiro vendi menos, mas foi porque trabalhou pouca gente na Celulose, e agora chega o tempo das férias... Há dias entrei no escritório da Redacção e vi muitos jornais devolvidos, mas foi porque lá andou a cobrança.

Alberto Ramada

PAÇO DE SOUSA

NOVIDADES! De cada vez que tentamos escrever, queremos dar algumas novas, desta grande feira de amostras que é a malta. Contudo, nem sempre somos bem sucedidos. Não é por falta de assunto, mas de habilidade para captar estas coisas todas.

Depois, o Senhor Padre Carlos a puxar para trás pelas orelhas que já de si são um bocaco grandes, refilices de C.ª Pereira, do Pintorelli. O espaço do periódico, pois este não estica e o resto que fica por dizer!...

CÂNDIDO. Como todo o mundo sabe, o chefe da nossa aldeia e futuro chefe da Tipografia do Tojal, vai consorciar-se no próximo dia 13 de Agosto. Dia grande para ele e para nós, pois comungamos dos mesmos ideais. Vai ser um dia de festa. Será mais uma família. Mais riqueza para a sociedade. Mais um pouquinho de católica. Mai s um pouquinho de amor espargido sobre a nossa aldeia! Podem mandar suas prendas para o Cândido, pois bem as merece. É digno da nossa estima e confiança! E nós vamos já colocando as bandeiras e as flores!...

FRUTA. Temos muitos pêssegos e ameixas. Regalamo-nos na sobrezeira e às merendas. Ai que bom que é comer fruta!

Acontece que alguns se adiantam e vão mesmo às árvores. Depois é um

caso bicudo, pois o tribunal não perdoa: «Entra, colher de pau!» Trabalha, «Cana do Se Joaquim!»...

Ainda agora veio ao tribunal o Quinzito, do Porto. Foi à fruta, mas como ela era verde, doía-lhe a barriga e para não dar bronca, queixava-se dos ouvidos. O pior é que a Senhora percebeu o negócio e lá apanhou um «arroz de frango»!...

OUTROS! Sim, há outros que procedem da mesma forma. E alguns com certa barba ou aspirante a ela. É verdade ou não, é Crilo, Bonifácio, Miranda?... E até de nós dizem para aí umas coisas...

«VOZ DOS NOVOS!» Vai entrar em mais um ano de publicidade, este jornal que anda no coração de todos. É a nossa voz. Tribuna de todos. Que procura contribuir com sua quota-parte para o progresso da Obra da Rua.

FUTEBOL. As nossas equipas vão entrar em franca actividade. Os treinos vão recomeçar. Os rapazes estão com vontade e o grupo vai progredir. Sobretudo as classes inferiores, onde há muita habilidade para a prática do desporto, tão belo, salutar, como preciso para estas camadas jovens, com o sangue a ferver, cheias de vida. A ginásticas, as corridas e os saltos são, nesta altura, tão precisas como o pão para a hoca!

NADADORES! Há-os por cá e bem bons. Mas o pior é que vão nadar para os tanques proibidos e depois meu «Ai Jesus!»... Temos um excelente halneário, os tanques da mata, aos domingos o Rio Sousa. Que mais queremos nós?

Tenham paciência, senhores nadadores profissionais!... Só se quiserem nadar no ribeiro que passa no meio da nossa quinta. E aí até podem apanhar enguias!...

SELOS. Para a colecção deste vosso amigo, dantes vinham às catrefas deles, mas ora não acontece assim. O Senhor Dr. Vieira e Sousa não se esqueceu, pois não? A senhora D. Geny Costa também!

O que nós queremos é cá muitos, de muitos países, muito variados, aumentando assim o nosso album.

Recebemos cá a visita do Sr. João de Jesus da Silva, Dig.mo director do Quadro do Pessoal Superior dos C. T. U., aposentado, que nos prometeu alguns e nós confiadamente esperamos. Venham mais e mais e mais, que todos não são demais!...

«O GAIATO». Chega aqui o Ave-lino, Chefe de Redacção, a ordenar-nos que pedissemos os números 142 e 162, para leitores que colecionam. De facto é pena, por um ou dois números não terem a colecção do «Melhor». Mas os simpáticos leitores tomaram nota e na volta do correio aí teremos, não é verdade?

Muito grato, o vosso Amigo,

Feio

PÃO DOS POBRES

Se não fora (graças a Deus) o muito trabalho que temos recebido para a nossa tipografia, já hoje teríamos o livro todo expedido. Na verdade desde 6 de Junho que não enviamos qualquer remessa de livros. Este trabalho, que só depende totalmente da encadernação, terá que ser um pouco demorado, em virtude das grandes remessas de livros comerciais que temos recebido e... também da sornite aguda que ultimamente deu nos nossos encadernadores. Eurico, como sabem, o responsável por esta secção de trabalho, nem sempre encontra nos seus companheiros aquele brio que ele e todos nós desejamos.

Apesar de tudo, e ainda que há muito se não tenham enviado livros, as cartas continuam a chegar cheias de carinho e admiração pela doutrina que o livro contém e que foi a grande iniciação de Pai Américo na vida dos Pobres e dos rapazes da Rua.

Como esta que ides ler, têm sido muitas e muitas e muitas:

«Acabo de ler o «Pão dos Pobres».

Que maravilha! Que riqueza! Que oiro!

Li-o do princípio ao fim sempre com as lágrimas nos olhos.

Na estante dos meus livros em lugar de destaque e muito à mão está o «Pão dos Pobres».

Este «pão dos pobres» devia ser comido por muitos ricos, para vermos se os pobres comiam mais alguma coisa».

Quando será que o Mundo descobrirá que a riqueza, o oiro, estão encerrados na maravilhosa doutrina do Evangelho?!

Nós vamos trabalhar mais, para que tu, amigo leitor, possas encontrar no «Pão dos Pobres» grande parte dessa riqueza, desse oiro.

Cândido Pereira

Visado pela Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES